

ATLANTIDA

MENSARIO ARTISTICO,
LITERARIO E SOCIAL
PARA
PORTUGAL E BRAZIL

SOB O ALTO PATROCINIO DE S. EX.^{AS}
OS MINISTROS DAS RELAÇÕES EXTERIORES
DO BRAZIL
E DOS EXTRANGEIROS E FOMENTO
DE PORTUGAL



VOLUME V



A Alemanha e a Guerra

PALAVRAS DE GUERRA JUNQUEIRO

A *Atlantida* pediu a Guerra Junqueiro algumas palavras sobre a guerra. Das suas notas, quiz o eminente poeta dar-nos os admiráveis pensamentos inéditos que publicamos. A sua generosidade, a *Atlantida* agradece a inestimável dádiva.

A grande Alemanha criada por Bismark morreu de estupidez moral.

**

Bismark receava ainda os *imponderáveis*, os valores do espírito. O pangermanismo, filho directo de Bismark, desconheceu-os e despresou-os. Bismark era um Satanaz inteligente: temia Deus. O pangermanismo foi um Satanaz de manicómio: enlouquecendo, julgou-se Deus.

**

A Alemanha de Durer, de Leibniz, de Bach, de Beethoven, unificada na Prússia, perdeu o génio, deshumanizou-se, bestializou-se. O bárbaro ancestral, latente no sangue, ressurgindo, dominou-lhe a alma. Ficht e Moltke entenderam-se. Munich e Berlim casaram-se. Mas a Alemanha, mística por natureza, viveu com o seu temperamento a sua bestialidade incomensurável. Foi um tigre no estado religioso. Que pavôr!

A alma infernal da Alemanha é a Prússia. A Alemanha, — monstro planetário — é a Alemanha prussianisada. Os Hohenzolerns criaram a Prússia, mas a Prússia gerou-os a eles, com a sua alma. Hoje o Hohenzolern é o fruto e a nação a árvore. Eliminar a dinastia não basta. É indispensável destruir a nação, arrancar a árvore. Amanhã uma Prússia republicana continuará a dar os mesmos frutos com um nome diverso. As palavras por si



Revista do Mês

A VITÓRIA DOS ALIADOS

A *Atlantida* reproduz hoje a admirável entrevista que o eminente Guerra Junqueiro publicou em tempos no *Janeyro*, e que devia ser arquivada, pela eloquência e pela clarividência das suas profecias, nas páginas duma publicação que sempre defendeu a grande causa dos Aliados. E, como, no seu último número, não saíssem com a necessária exactidão os pensamentos do Mestre sobre a *Alemanha e a Guerra*, aqui se reproduzem também, com as correcções indispensáveis.

A Alemanha tem de ser esmagada. É fatal e eu nunca o puz em dúvida. Já o disse: o império alemão ardeu no incêndio de Louvain. Mas, a condição essencial da vitória eficaz, de uma paz duradoura, é o desmembramento da Prússia. Assim, a Prússia restituirá à Dinamarca os ducados de Schleswig e de Holstein que lhe roubou em 1864. Esses dois ducados, unidos sempre por laços seculares, entrarão de novo na sua tradição histórica e o canal de Kiel ficará em mãos leais e seguras.

Perderá o reino de Hanover e o ducado de Brunswick que anexou em 1866 e que serão reconstituídos, bem como os ducados de Hesse e de Nassau. Restituirá à cidade de Francfort, de tão belas tradições históricas, a liberdade que lhe tirou depois da guerra franco-prussiana.

A França reconquistará a Alsacia e Lorena que teve de ceder à sua inimiga e que a Alemanha nunca conseguiu absorver, nem germanisar, a-pesar-de todos os esforços e de todas as violências que empregou em mais de 40 anos de domínio. As duas províncias ficaram sempre profundamente francesas, solidarizando-se em absoluto com a ardente aspiração de reconquista que

JUNQUEIRO, HOMEM DE CAUSAS A I GUERRA MUNDIAL

A opinião de Junqueiro era uma referência para os periódicos portugueses de todos os quadrantes sociopolíticos. Daí que, em muitos deles, se encontrem textos em que o autor é convidado a expressar a sua visão sobre situações e acontecimentos.

Contemporâneo da I Guerra Mundial, Junqueiro não hesita em considerá-la, em textos publicados na revista *Atlântida*, como o confronto de dois mundos:

“A guerra produziu no globo uma electrólise de consciências. As almas luminosas voltaram-se para os aliados. As almas sinistras voltaram-se para a Alemanha. E este plebiscito moral do universo inteiro honrou, no fim de contas, a humanidade.”

1. “A Alemanha e a Guerra: palavras de Guerra Junqueiro”
Atlântida
N.º 33-34, 1919, p. 851-852

2. “A Vitória dos Aliados”
Atlântida
N.º 35-36, 1919, p. 1071-1079